

Estudos Lingüísticos

AS LÍNGUAS SEMÍTICAS

R. F. Mansur Guérios
Universidade Federal do Paraná
Professor Emérito

RESUMO

De caráter divulgativo é a presente exposição das línguas semíticas, dentre as quais se salientam o árabe e o hebreu por terem contribuído para a formação do léxico português.

É explicada a contribuição árabe principalmente como consequência do domínio islâmico durante séculos (de 711 a 1250) em Portugal. E a contribuição do hebraico é explicada por influência religiosa, judaico-cristão (Bíblia).

Os elementos árabes no Português mereceram atenção especial de nossa parte em um ensaio de sistematização intitulado O ROMANÇO MOÇARÁBICO LUSITANO, inserto nos n.ºs 5-6 de LETRAS, 1956.

Foi o historiador alemão August Ludwig von Schloetzer quem deu, em 1781, o nome SEMITAS aos hebreus, arameus, árabes e abissínios, cujas línguas são aparentadas entre si. Baseou-se em Sem, descendente de Noé, segundo o Gênesis (c. 10).

Sábios judeus do século X já haviam reconhecido semelhanças entre o hebraico e o árabe, e, por outro lado, a estreita relação entre aquele e o arameu. No século 17 deu-se início ao estudo da língua litúrgica dos abissínios (etíopes), com reconhecer-lhe o parentesco próximo com o árabe.

Os grandes orientistas do século 17 tinham, pois, uma concepção exata da unidade do grupo dos idiomas semíticos muito antes do tempo em que Franz Bopp (1791-1867) pudesse estabelecer o parentesco das línguas européias entre si e em relação com as indo-iranianas.

E nos séculos 19 e 20, após o deciframento da escrita cuneiforme do acadeu (assírio e babilônio), juntou-se um

novo ramo aos idiomas semíticos, acrescido com o estudo das inscrições fenícias e do árabe meridional, e, finalmente, de todos os descendentes modernos dessa família lingüística.

Surgiu daí a hipótese de que os povos que falavam tais línguas formariam uma unidade. Todavia, opôs-se a ela o fato bem conhecido de que as línguas não somente se transmitem por herança de geração em geração, mas também são freqüentemente impostas por um povo sobre outro. Basta lembrar o exemplo da língua dos romanos, o latim, que veio a substituir outras, como a dos iberos, dos celtas, etc. Assim, é possível, p. ex., admitir que os babilônios, ou pelo menos muitos deles, não receberam o seu idioma por herança dos antepassados. Muitos habitantes da Síria, de língua hebraica ou aramaica, descendiam de antepassados não-semitas. É talvez mais evidente ainda o fato de populações da Etiópia que falam um idioma semítico não serem, contudo, de origem etnicamente semita.

Todavia o povo que se estendeu para o norte e para o sul e impôs sua língua a outros, teve naturalmente um habitat comum em certo tempo da história. Qual teria sido, pois, o habitat desse povo semita comum?

É questão difícilíssima. Conforme C. Brockelmann, o sul da Arábia, com toda probabilidade, teria sido o primitivo território de origem dos semitas. Há quem afirme ser a Arábia, em tempos pré-históricos, um país muito fértil, irrigado ao menos por três grandes rios, e a nutrir uma população muito numerosa. Porém, veio a ser cada vez mais seco em virtude da recessão das grandes geleiras do norte, obrigando a população a procurar um habitat fora da Península Arábica.

De onde e como os semitas foram ter à Arábia é uma questão secundária.

Outro problema é saber exatamente quais são, de fato, os semitas do âmbito comum, e se haverá outras línguas documentadas, semíticas, além das que são conhecidas até agora.

Tem cabimento essa dúvida, uma vez que expedições científicas sempre têm havido no Oriente Médio. Em 1977, p. ex., um professor da Universidade de Roma, Paolo Mathiae, com trabalhos de uma equipe na Síria, descobriu, perto de Alepo, a antiga cidade de Ebla (2.300 a. C.), um gigantesco arquivo dotado de 15.000 textos redigidos parte em sumério, parte em língua completamente desconhecida. É claro que o material está sendo estudado. Assim, é bem possível que um dia qualquer nova língua ou dialeto semítico possa surgir.

A família lingüística que nos ocupa a atenção, é geralmente assim classificada:

I) Ramo oriental ou acadeu: assírio, babilônio e amarnês.

Diz-se acadeu porque foi primeiramente falado no país de Acade ou Agade, centro da mais antiga civilização semítica na Mesopotâmia.

Apesar das divergências de pronúncia, de gramática e até mesmo de escrita, pode-se afirmar que o assírio e o babilônio são, na realidade, dois aspectos de uma mesma língua, que, por falta de designação própria, é chamada acadeu. Nada obstante, os especialistas falam mais freqüentemente de assírio-babilônio.

Os assírios, estabelecidos ao norte, junto às margens do Tigre (Diklat), perto dos cursos do Zabe superior e inferior, têm documentada a sua antiga história entre o início do 2.º milênio ao século 7.º a.C.

Os babilônios, localizados ao sul da Mesopotâmia (foz do Tigre e Eufrates ou Purat), são herdeiros da civilização e do território dos sumérios, povo e língua não semitas. Mais tarde os babilônios se estenderam gradualmente para o norte. Adotaram o sistema de escritura cuneiforme dos sumérios, e assim o fizeram os demais povos vizinhos. O babilônio foi adotado, no séc. 15 a. C., como língua da diplomacia internacional. Após o 4.º séc. a.C., aproximadamente, passou a ser de exclusivo uso erudito e religioso até próximo à era cristã.

Exs. de vocábulos assírio-babilônicos: UMU, "dia", ENU, "olho", IDU, "mão", ABNU, "pedra", UBANU, "dedo", AHU, "irmão", ETLU, "homem", ALU, "cidade", ABU, "pai", ILU, "deus", UZNU, "orelha", LA, UL, "não", ELIPPU, "navio", MU, "água", AKALU, "comer", NADANU, dar", SHAMU, "céu", MARU, "filho", LIBBU, "coração", IDU, "saber".

Os empréstimos sumérios são elementos de civilização: EKALLU, "palácio", IGISU, "imposto, contribuição", TEMENU, "pedra angular", PASHURU, "prato; mesa", ADAGURU, "recipiente de perfume", PALU, "governo", SUKKALLU, "ministro; embaixador", etc.

Além do assírio e do babilônio, já citados, faz ainda parte do ramo oriental das línguas semíticas o amarnês. Este tira o nome de EL AMARNA, cidade no vale do Nilo, cerca de 400 km ao sul do Cairo. Sua documentação consiste em 350 tabuinhas de argila, escritas em acadeu ou babilônio, mediante caracteres cuneiformes, porém, interessante, estão acompanhadas de glosas em cananeu antigo, também em

cuneiformes (M. Cohen). Por isso há autores que incluem o amarnês não no ramo oriental, mas no segundo ramo dos idiomas semíticos.

Pe. Dhorme, D.P., reconhece nesses documentos numerosas formas verbais ou nominais influenciadas pelo dialeto cananeu, "a língua de Canaã", a qual viria a ser falada pelos hebreus.

Essas tabuinhas são cartas diplomáticas de príncipes da Babilônia, Assíria, Ásia Menor, Cipro, Síria e Palestina, vassalos dos faraós Amenotepe (ou Amenófis) III e IV (Icna-ton) (séc. 15 a 14 a. C.).

O segundo ramo das línguas semíticas é o ocidental ou, melhor, do noroeste, chamado também ramo cananeu; abrangue estas: cananeu, moabita, edomita, amorreu ou amorrita, ugarítico, fenício (inclusive o púnico ou cartaginês), arameu, siríaco e hebreu.

Canaã é o nome que teve a Palestina (e a parte meridional da Fenícia) antes de sua conquista pelos hebreus. Cananeu é designação genérica aplicada tanto a povos semitas como a não semitas aí domiciliados, mas também é o nome específico da língua semítica já citada, dos descendentes de Canaã, filho de Cam (Gên 9,18), de que pouquíssimo se conhece (as glosas dos documentos de Amarna).

Há prova documental da existência de cananeus na Palestina (Canaã) aí pelo começo do 3.º milênio a. C. Mais tarde surgiram outras etnias, e aproximadamente dois séculos mais tarde passaram por aí os hicsos, tidos por alguns autores como povo semita, mas de cujo idioma nada se sabe com segurança.

O moabita é muito aproximado do hebraico, e mesmo tido como dialeto deste. O principal documento se acha numa grande inscrição, em estela dedicada à divindade KAMOS ou KEMOS (hebr. KEMOS, assírio KAMUSU), redigida por um rei de Moabe (sudeste do Mar Morto), de nome MESA ou MESHAIH ou ainda MOSHAH. O significado deste é "ajuda" (a entender "Kamos ajuda"), datada aproximadamente de 840 a. C. Narra principalmente uma vitória contra os israelitas. Além da estela, há alguns sinetes.

A escrita desse idioma é a mesma do fenício, e segundo M. Cohen, a língua falada pelos moabitas talvez seja diferente do constante na inscrição.

O teônimo KAMOS, o deus principal dos moabitas está documentado na Bíblia (2 Rs 23,13, Is 48,46, etc.) e em inscrições dos assírios que os subjugaram. São nomes teofóricos de reis: KAMASHALTI, KAMUSUNADBI. E entre outros reis

mencionados há um SALAMANU que lembra o hebraico SHALUMUN (SALOMÃO).

O teônimo KAMOS dá-nos oportunidade para uma breve digressão. É que o encontramos fora do âmbito semítico, em línguas da Ásia, Oceania, África, Europa e principalmente da América. O significado é o mesmo, isto é, "divindade", ou pode ser conexo ou afim. Ei-los: hurrita KUMA-R-, aino KAMAI, japonês KAMI, nos Vedas KAMA, "deus do amor", KUMA-RA, "deus da guerra", na mitologia polinésica KUMU-, "diaba", no havaiano KAMA-, cafre, KWAM-TA, bosquimano I-KQM'N, no céltico KAMU-, latim CAME-NA, "musa", quí-chua KAMA, "alma", asteca KAMAXTLI, quiche (maia) KAMA-, bacairi KAME, aruaque KAMU, "um herói cultural", abipão KEMEN, "espírito", chamacoco KAMEN-TE, manau KAMA-, "diabo", amuexa KAM-, "espírito", mondé KAMŪ, "espírito", patagônio KAMA-LA, "um espírito mau", bora TSEME' (derivado de KEME'), mekens TSHAMA, "espírito" (derivado de KAMA).

Estas coincidências, que não são fortuitas, explicam-se pela monogênese lingüística.

Do edomita, que tira o nome de EDOM, filho de Esaú (Gên 36,9 e 43), mas também nome do pai (Gên 36,1), subsiste pouca documentação. Tem-se como bem próximo do hebreu e do moabita.

A tribo edomita viveu entre o vale Arabá e os montes Seir, e Bosra era a capital. Entre os assírios o país era conhecido como MAT UDUMU, "terra de Edom", e tinha como rei KAUSHGABRI, no tempo de rei da Assíria Assaradon (680-669 a.C.). É nome teofórico como os de outros reis: KUASHMALAKA e MALIKRAMMU. KUASH ou QOSH era uma divindade edomita. Descobre-se em MALAKA e MALIK, "rainha" e "rei", e RAMMU uma divindade que, entre os babilônios, sob a forma RAMMAN era o deus da tempestade. O segundo componente de KAUSHGABRI talvez seja o mesmo que se acha em GABRIEL, e aquele se traduziria "KAUSH é o Senhor".

Quanto ao amorreu não há, segundo M. Cohen, texto algum, e dos nomes dos reis moabitas que governaram a Babilônia (ca. 2.200 a 1900 a.C.) nada se pode depreender, quer fonética, quer gramaticalmente.

Deve-se o nome a um dos descendentes de Canaã (Gên 10,16), e parece querer dizer "montanhoso". Pode ser cotejado, se não for coincidência fortuita, com o vocábulo pré-indo-europeu, ou, mais precisamente, com o "mediterrânico" MURRU, "outeiro, morro" (em assírio AMURRU).

AMURRU ou AMOR foi uma divindade dos amorritas, divindade da montanha ocidental, da tempestade e da inundação. Era também chamada MARTU. Sua esposa de nome ASHIRAT ou ASHERAH era a “senhora das planícies” e “deusa sol”.

Entre os assírios AMURRU aplicava-se a populações ocidentais.

No Antigo Testamento esse etnônimo é, às vezes, empregado como sinônimo de CANANEU e, às vezes, como nome especial de uma tribo.

Os amorritas eram nômades, mas vieram a estabelecer-se junto às margens direita e esquerda do Jordão, assim como a oeste do Eufrates e ao norte da Síria e Líbano. Estiveram a sudoeste do Mar Morto, e, na Arábia, ao sul dos nabateus.

O rei amorrita SION ou SEON, cujo reino se achava entre o Arnon e o Jaboc, foi derrotado por Moisés (Jz 11,19-22; Núm 21,21-32).

Jerusalém teve origem amorrita (Ez 16,3 e 45), mas entre os mais antigos habitantes sobressaem os jabuseus, de etnia incerta. O nome primitivo dessa cidade era IEBUS, em hebraico YEBUS (Jos 15,8), que, mais tarde, passou a ser denominada, segundo os textos ugaríticos, SALÉM ou SALIM, nome do planeta Vênus como divindade. É mais ou menos freqüente SAL- ou SAR- como “ssteela” ou “astro” em várias famílias lingüísticas.

Certamente para determinar melhor a localidade, SALÉM veio precedido de URU, “cidade” — URU SALÉM — mas URU é vocábulo sumério (cp. UR dos Caldeus). Como os amorreus tiveram contacto com diversos povos, entre os quais os sumérios, não se deve estranhar a inclusão no seu idioma de palavras sumerianas. URU deve ter sido para eles elemento cultural, dada a importância de Ur dos Caldeus.

Esse composto serviu de base para o hebraico YERUSHALÉM. A forma grega, assentada por sua vez no hebraico, sofreu influência de HIERÓS, “sagrado”, criando HIERUSALÉM (e HIEROSÓLYMA) e a interpretação “cidade sagrada”.

Em textos de maldição dos egípcios, sob a 12.^a dinastia, esse nome composto é atestado pelas cartas de El Amarna (Dic. Encicl. da Bíblia, Vozes, sv.).

É daí que veio o famoso e misterioso rei-sacerdote Melquisedeque, rei de SALÉM (Gên 14,18), o qual abençoou Abraão, e não da aldeia homônima, perto de Siquém, segundo a tradução da Bíblia dos Setenta e da Vulgata.

É MELKISEDHEQ tido como vocábulo amorreu, ou, melhor, hebraizado, e interpretado “rei (MELK) meu (I) (é) justiça (SEDHEQ)”.

Outro nome de rei de Salém é ADONI SEDHEQ (Jz 1,4-6), “Senhor meu (é) justiça”, cujo significado é sinônimo do anterior, e provavelmente hebraizado.

São amorreus os Patriarcas, “hoje amplamente confirmado pelos seus nomes, na sua formação autenticamente semítico-ocidental, encontrando larga guarida na onomástica semítico-ocidental” (A. Rolla, *A Bíblia e as últimas descobertas*). “O de ABRAÃO, continua esse A., é provado na Mesopotâmia, no começo do 2.º milênio, sob as formas A-BA-AM-RA-MA, A-BA-RA-MA, A-BA-AM-RA-AM e interpreta-se “Ele é de nobre prosápia”. “Os de ISAAC e JACÓ são nomes teofóricos apocopados, cuja forma plena deveria ser YISHAQ-EL e YA’QOB-EL. Estes denominativos, compostos de um imperfeito verbal e de um nome divino, expresso ou subentendido, que exprimem um atributo ou uma ação divina, são muito frequentes entre os amorreus”.

De passo, esta observação: Como o patriarca Abraão tivesse vivido primeiramente em UR dos Caldeus (Gên 11,31), é bem provável que falasse ou conhecesse o sumério, o babilônio ou ambos.

O ugarítico, língua semita do ramo noroeste, foi falado em uma antiqüíssima cidade (textos de 1.400 antes de C.), chamada Ugarite, costa da Síria, m. ou m. 13 km ao norte de Laodicéia (Lataquiê), em frente de Cipro, região denominada em árabe RAS SHAMRA, “capital do funcho”, em vista de sua abundância. Por causa disso teve primeiramente o nome língua de ras-shamra.

Ugarite veio a ser habitada por gente semítica depois do ano 2.000 a.C., e foi destruída pelos heteus no séc. 14 a. C.

O sítio em que se localizava Ugarite foi descoberto em 1928, e no ano seguinte é que se iniciaram as escavações.

Dentre tantos objetos descobertos, o mais importante foram tabletes de terracota com textos variados em escritura cuneiforme em assírio-babilônio e em línguas asiáticas, porém a maioria em um idioma semítico até então desconhecido, e que deveria ter sido praticado pela maioria dos habitantes. Os textos principais, bem extensos, são poemas mitológicos, nos quais se reconhece a maioria dos deuses e certos heróis lendários fenícios.

Há semitistas que não concordam em ter o ugarito encaixado no ramo ocidental ou do noroeste, preferindo dar-lhe especial lugar dentro da família até ulteriores estudos.

Eis algumas palavras ugaríticas: EL-MLK, "deus rei" (cp. hebr. EL MALK), RB, (chefe" (cp. hebr. RAB), KHNM, "sacerdotes" (cp. hebr. KOHANIM), ADN, "senhor" (cp. hebr. ADON), BEL, "senhor, dono" (assírio BELLU, fenício BAAL), SPR, "escriba" (cp. hebr. SOPHER). Tais amostras foram extraídas de uma lenda fenícia, hino épico, no qual figura um rei de nome DAN'EL ("juiz é deus"?), filho de AQHAT.

Ao mesmo ramo anterior pertence o fenício. O povo que o praticava, conforme geógrafos da Antiguidade, teria vindo de uma zona junto ao Golfo Pérsico.

Há quem ponha em dúvida a sua etnia semítica, mas teria sido semitizado na migração para Canaã ou em Canaã.

Esse povo, que não chegou a constituir um estado unitário, esteve sempre dividido em cidades-estados independentes entre si: Tiro, Sidônia, Biblos (Gibail), etc., por isso os fenícios que eram naturais daí, chamavam-se a si próprios tírios, sidônios, gibilitas, etc. Foram os gregos que lhe aplicaram o nome PHOINIKES, porque lidavam com tintura de púrpura (PHOINIX). Há, contudo, mais de uma etimologia proposta para esse nome.

E o nome grego PHOINÍKE (Fenícia) veio a designar uma faixa de terra entre o Mediterrâneo e a cordilheira do Líbano, limitada ao S. pelo Monte Carmelo e ao N. pelo Golfo de Issos. Esse povo deve ter chegado aí no 4.º ou 3.º milênio antes de Cristo.

De sua autoria há numerosas inscrições, porém geralmente breves e pouco variadas no conteúdo. As mais antigas parece que são do séc. 18 a 16 a. C., e entre as mais novas sobressaem as inscrições do sepulcro de Ahiram de Biblos, do séc. 12 a 11 a. C.

Como eram um povo dado à navegação e ao comércio, deixaram também inscrições em várias colônias, em Cipro, Grécia, Malta, Sicília, Sardenha, Marselha, Avinhão e Península Ibérica.

A mais notável das colônias foi Cartago (África setentrional), cujo falar veio a ser chamado pelos romanos PUNICUS (púnico), forma popular latina de PHOINIKOS. Embora Cartago tenha sido fundada aí por 814, as mais antigas inscrições conhecidas até agora datam do 4.º séc. a. C.

A língua colonial daí não difere muito do fenício cananeu, porém acha-se misturado de elementos camitas (berberes, líbicos, etc.).

Notável contribuição para o conhecimento do fenício e do púnico são também as palavras acolhidas nos documen-

tos de outras línguas: egípcio, assírio, hebraico (na Bíblia), e particularmente na literatura clássica ou nas inscrições gregas e latinas. Tais elementos semíticos têm uma importância extraordinária, porquanto foram transcritos, embora de modo limitado, mediante as vogais, isto é, foram registradas de outiva. Sabe-se destarte a pronúncia de muitas palavras fenícias e púnicas, uma vez que as línguas semíticas anotam apenas as consoantes, ficando por conta do leitor a pronúncia exata ou completa dos vocábulos.

Um dos valiosos documentos do púnico acha-se na obra *Poenulus* de Plauto (Titus Maccius Plautus — ca. 254 - 184 a. C.), monólogo de 10 linhas com paráfrase latina de um cartaginês dessa época. É o único exemplo de representação total das vogais. Eis algumas palavras (“apud” J. M. Pereira de Lima, FENICIOS E CARTAGINESES):

ANEKH, “eu”, (cp. assírio ‘ANAKU’, hebr. ‘ANOKHI’), DONNI, “senhor meu” (cp. hebr. ‘ADONI’), IS, “homem” (cp. hebr. ISH), LO “não” (cp. hebr. LO), NU, “nós, nosso” (cp. ár. NAHNU, assírio NINU), SAMEN, “céu” (cp. ár. SAMMA’), AKHI, “irmão meu” (cp. ár. AKHI), ALONIM, “deuses” (cp. hebr. ELOHIM), SIM, “nome” (cp. hebr. SHEM, ár. ISM), TSOR, “rochedo” (cp. ár. SAHR), BYN, “filho” (cp. hebr. BEN), MOTH, “morte” (cp. ár. MAUT), ROB, “grande” (cp. hebr. RAB), AVO!, “saúde! viva!” (cp. hebr. HAWAH, “vida”).

O quinto filho de Sem, de nome Aram (Gên 10,22,1 Crôn 1,17), foi o pai dos arameus, os quais tiveram como habitat inicial, provavelmente o nordeste da Arábia ou o deserto sírio-arábico.

O Antigo Testamento designa-os ora como habitantes de Mesopotâmia setentrional, região banhada pelo Eufrates e pelo Habur (ARAM NAHARAYIM, “Aram dos dois rios” ou PARDAN ARAM, “planície de Aram”), ora como habitantes da Síria (ARAM SOBAH, ARAM REHOB, ARAM DAMMESEQ ou Damasco).

Com uma das suas migrações, a família de Abraão se deslocou de Ur dos Caldeus para Harã (ou Harrã) (Gên 11,31).

Apesar de constituírem numerosas tribos, os arameus não chegaram nunca a unir-se para formar um império, mas, sim, pequenas cidades-estados, entre as quais as já citadas. Tiveram, contudo, a glória de ter a sua língua extraordinariamente difundida, de tal modo que serviu de língua de comunicação, de comércio, da diplomacia entre vários povos. Cidadãos de língua aramaica serviram de funcionários na Assíria e na Babilônia, e preencheram os quadros administrati-

vos do reino persa. Até o Egito não ficou livre da influência aramiana.

Pouco a pouco todas as línguas do N., isto é, o assírio-babilônio, o fenício e o hebreu, cederam o lugar ao aramaico. Sua vitalidade e uso literário limitaram a expansão do grego na Ásia, embora vencido por este na costa mediterrânea, ao menos como língua escrita (testemunha-o o Novo Testamento). A época de sua maior extensão, segundo Marcel Cohen, foi ca. de 600.000 km², embora parcialmente inabitada, verificada entre 300 a. C. e 650 d. C. Por sua vez, o arameu foi vencido pelo árabe (conquistas muçulmanas a começar do séc. 7.^o), se bem que haja ainda quem o fale atualmente (ca. de 200.000 indivíduos).

O sucesso lingüístico dos arameus parece ter sido assegurado, consoante M. Cohen, em parte ao menos pelo emprego que faziam da escritura alfabética. Governos assírio-babilônicos, antes dos persas, depois os próprios persas, empregavam escribas arameus.

As mais antigas inscrições aramaicas parece que são da Síria, entre o 9.^o e o 8.^o século a. C.

O fato de se dispersarem as tribos por várias regiões ocasionou o fracionamento do seu falar, que em período mais antigo era mais ou menos homogêneo, pelo menos no uso escrito. É o "araméu imperial", assim denominado por alguns autores. Sem que se possa precisar exatamente a época, a dialeção se manifestou em dois grupos: o arameu ocidental e o arameu oriental.

O primeiro compreende o arameu antigo, o arameu bíblico, o arameu palestino (inclusos o judeu aramaico palestino e o arameu palestino cristão) e o samaritano. Este grupo sobrevive como língua falada de uma pequena comunidade no Antilíbano.

O segundo, oriental, abrange o judeu-aramaico-babilônio, o mandeu, o harraniano, o siríaco (comunidades jacobitas e nestorianas) e vários dialetos falados atualmente em diversas regiões do Irã (Pérsia), Iraque, Turquia.

O hebraico, no 6.^o séc. a. C., no tempo da destruição de Jerusalém, reinado de Nabucodonosor, era substituído pelo arameu, o qual veio a ser a língua popular dos judeus, e mesmo literária, pois partes da Bíblia foram redigidas nele. Quando, pois, do advento e pregação de Jesus, ele empregou a língua falada pelo povo, e assim o fizeram os apóstolos. O hebreu, todavia, continuou a ser a língua religiosa e mantida nas classes cultas. E, dada a expansão, não é estranho que, no tempo de Jesus, a língua aramaica não se apresentasse

homogênea, mas com diferenças entre o norte e o sul, ou, mais precisamente, entre o falar da Judéia e da Galiléia. O fato é conhecido por este passo do evangelista S. Mateus: "Sim, tu és daqueles (da Galiléia); teu modo de falar te dá a conhecer" (26,73). Tal declaração, entretanto, é evidentemente denunciadora tão só do sotaque.

A respeito da pronúncia, tem havido esforços da parte de semitistas em entrever como era ela nesse tempo. Contudo, têm sido frustradas as tentativas de reconstituí-las através da comparação de textos.

No entretanto, um fato extraordinário, miraculoso, ocorrido na primeira metade deste século, na Alemanha, lançou algumas luzes no problema da pronúncia do aramaico. Uma camponesa de nome Teresa Neumann, entre muitas visões da vida de Jesus Cristo, ouviu-o falar, assim como a seus contemporâneos. Frases que lhe ficaram na memória repetiu-as como as ouvira, embora sem entendê-las. Semitistas como os Drs. Wutz, Fritz Gehrlich e Johannes Bauer que anotaram, cada um independentemente, ficaram surpresos e até com a correção que ela fazia ao que era tido como correto. (V. Fr. Pedro Sinzig, *Entre dois mundos*, Keverlaer, Renânia, 1930, e Valdemiro Teixeira de Freitas, *Visão de Konnersreuth*, ed. do A., Curitiba, 1972).

A título de curiosidades, eis algo de que Teresa Neumann apanhou de outiva: MA NADA?, "o que (é) isso?", SHELAM, MALKA!, "paz, ó rei!" (também SELAM), ET-PHETA-KH!, "abra-te!" (Mc 7,34), SALABU!, "crucificai!" (Mc 15,13-14), HARE B(A)R-KH!, "eis o filho teu!" (Jo 19,26), ABBA, BE YADA-KH AFKED RUKH-I!, "Pai, em mão tua entrego o espírito meu!" (Lc 23,46).

Eis os pronomes aramaicos (independentes ou absolutos): ANA', "eu" (diatal da atualidade ANA), ANTA', "tu" (masc.), ANTÍ, "tu" (fem.), HU, "ele", HI, "ela" (A)NAKH-NA', "nós", ANTUN, "vós", HIMMON, HENNON, "eles", HENNEN, "elas".

Os numerais: 1 KHADH (masc.), KHEDA' (fem.), 2 TERE-N (m.), TARTEM (f.), 3 TELÁTH (em inscrições SHE-LASHA') (m.), THELATHA' (f.), 4 ARBA' (m.), ARBE'A' (f.), 5 KHAMESH (m.), KHAMSHA' (f.), 6 SHETH (m.), SHITTA' (f.), 7 SHEBHA' (m.), SHABHA' (f.), 8 TEMANE (m.), TEMANIA' (f.), 9. TESHÁ (m.), TESH'A' (f.), 10 ESAR (m.), ESRA' (m.) (bíblico), ASAR (f.), 100 ME'A' (bíblico MA), 1.000 ALAF.

Uma das línguas mais importantes do ramo cananeu ou do noroeste é o hebreu. O nome HEBREU assenta indireta-

mente no hebraico 'EBER, HEBER, um dos antepassados dos hebreus (Gên 10,24; 11,14 a 17,21-25). É problemático o sentido primitivo. Foi proposto o étimo 'IBRI, "o de além (do Eufrates ou do Jordão)" (Mons. A. Vincent, *Dic. Bíblico*, s. v.), "que vem do outro lado"? (*Dic. Enc. da Bíblia*, s. v.). Isaías Golgher, acolhendo a idéia de "atravessar, transpor" (cf. Gesenius), dá-lhe o sentido de "emigrante, apátrida" e também "escravo", salientando no Gênese "Abraão, o hebreu" (14,13), e o tem como idêntico a HABIRU, 'emigrante, apátrida; o que atravessou o rio ou o mar, o estrangeiro" ("O nome HEBREU, *Kriterion*, n.º 39-40, B. Horizonte, 1957).

Os HABIRUS ou HAPIRUS constam em muitos antiqüíssimos documentos como povos diversos, semitas e não-semitas (V. *Dic. Encicl. da Bíblia*, Vozes, s. v. HEBREUS). "O acádico HAPIRU, o ugarítico 'PRM e o egípcio 'APIRU não são uma denominação étnica, mas designam uma classe de pessoas sempre consideradas como estrangeiros pelo povo em meio do qual vivem, mal tolerados e impossibilitados de constituir-se um povo". "Talvez se pode admitir que aos hebreus foi também dado tal nome" (F. Spadafora, *Dicionário Bibl.*, s. v.).

Para Trombetti, a forma primitiva de HEBER foi GWÉBER, cognato do hebr. GEBER (1 Rs 4,19), cognato do arameu GEBAR e GABR (Cf. GABRIEL), todos com o sentido de "homem por excelência" (*Elementi di Glottologia*, p. 209, e *Comparazioni lessicali*, p. 65).

Sendo o povo eleito chamado hebreu, israelita e judeu foi, contudo, o primeiro que prevaleceu para a designação de seu idioma nas línguas européias. Na Bíblia, uma só vez se fala de "palavras hebraicas", a valer "língua hebraica", na introdução ao Livro do Eclesiástico (séc. 2.º a. C.). Em Isaías o nome é língua de Canaã (19,18).

Tendo saído Abraão com sua família de Ur dos Caldeus, é provável que sua língua, então, fosse o sumério ou o babilônio, ou ambos, e estabelecido em Harã, teria conhecido aí outro idioma ou veio a empregar uma das línguas dos cananeus, que foi mais tarde levada para o Egito pelos filhos de Jacó e aí se desenvolveu na região de Gessém ou Gosen, onde viveram os israelitas.

O mais antigo documento do "cananeu antigo" ou da futura língua hebraica (proto-hebreu) é conhecido em parte pelas glosas sob o nome amarnês, insertas nas cartas de El Amarna, redigidas em cuneiforme, e endereçadas por vassallos dos faraós Amenófis III e IV, datadas do séc. 15 a 14 a. C. (Pe. P. Dhorme, O.P.).

E já em língua hebraica o documento literário mais antigo é o canto de Débora, inserto nos Juízes (5,1-31), que remonta à época da Conquista, isto é, mais de 10 séculos a. C.

Como é, pergunta o semitista Carl Brockelmann, que a língua dos israelitas, os quais penetraram como conquistadores no país de Canaã, concorda em todos os pontos essenciais com a língua dos antigos habitantes do país? Será por causa de parentesco original, ou será pelo fato de empréstimo lingüístico?

O fato do parentesco original fala muito mais eloquentemente do que o do empréstimo. Fenômeno símile se manifestou com o arameu no dizer do semitista Marcel Cohen: "O êxito aramaico em sua rapidez explica-se em parte pelo próximo parentesco das línguas semíticas entre si".

O hebreu deve ter apresentado, e não podia ser de outra maneira, diferenças dialetais, desde muito, não só de pronúncia, mas também de léxico. De pronúncia, documentada, há apenas uma passagem bem conhecida dos Juízes (12,6), em que os efraimitas no vocábulo SHIBBOLETH, "espiga", não o faziam assim, mas o pronunciavam SIBBOLETH (com o fonema chamado SÁMEKH). Não se conclua disso que somente nessa palavra se verifica o fato, o que seria absurdo. Se se realiza um fenômeno fonético tal em determinado vocábulo, o mesmo fenômeno se verifica nos demais na mesma condição (no caso, a condição do SHIN inicial). Além do mais, deduz-se que no falar dos efraimitas não exista o fonema SH pelo menos inicialmente.

A perda da independência judia foi também para os destinos da língua um golpe fatal; saiu do uso popular, substituída pelo arameu. Entretanto como língua religiosa e da escola, o hebraico manteve-se por séculos, e continuou a ser escrito. Como exemplos, citemos o Livro de Siraque (título original: MESHALIM, isto é, "provérbios), redigido aí pelo ano 200 a. C. O livro de Ester, (séc. 4.º a. C.), o Eclesiastes (séc. 3.º a. C.) e muitos Salmos foram também redigidos, embora sob grande influência do aramaico. As discussões jurídico-rituais dos primeiros séculos da era cristã conservadas nos Talmudes foram escritos em hebraico, porém o vocabulário, em grande parte foi tomado ao arameu.

Com o restabelecimento do Estado de Israel (16-05-1948), foi restabelecido, como não podia deixar de ser, o hebreu como língua oficial, cujo ensino se tornou obrigatório. Como se disse, fora do âmbito religioso e erudito, o hebraico era considerado como o latim, língua morta. Porém, muito antes do restabelecimento, aí pelo fim do séc. 19, o movimento

sionista na Europa oriental e na Palestina já havia ressuscitado o hebreu como língua, generalizando o emprego que sempre tinham feito os rabinos, para escrever, ensinar, conversar com seus confrades nas deslocções de um país para outro.

A revivência do hebreu acarretou, todavia, vários problemas: o uso dos caracteres com ausência das vogais breves; o restabelecimento da pronúncia de certas consoantes, de acordo com o consonantismo do árabe; a necessidade de termos técnicos da vida moderna, o que se fez, ora adotando estrangeirismos, principalmente das línguas européias (inclusive do próprio iídixe), ora adaptando termos antigos, extraídos da Bíblia, como, p. ex., H'ASHMAL, "âmbar", para a idéia de "eletricidade". Linguístas judeus procederam assim como seus patrícios técnicos que revolveram os terrenos de antiqüíssimas localidades, citadas na Bíblia, para descobrir o que houvesse e refazer o solo.

O siriaco, o qual não deve ser confundido com o sírio, que pode ser aplicado ao árabe da Síria atual, é uma modalidade do arameu (Charles — F. Jean), ou é o arameu oriental em seu estado recente, falado ainda por aproximadamente 100.000 indivíduos (Irã, Iraque, Turquia). Foi, durante séculos, a língua literária das comunidades cristãs da Síria e da Mesopotâmia, e é também a sua língua litúrgica. Edessa (hoje Urfa), a noroeste da Mesopotâmia (Turquia asiática), foi o único centro do primitivo período cristão (2.º séc. d. C.). Missionários nestorianos levaram esse idioma ao Turquestão e à China.

O ramo semítico meridional é subdividido em árabe setentrional (incluso o nabateu) e o árabe meridional, que compreende várias modalidades ao sul da Arábia, e, na África oriental, o etíope, o amárico, o tigré, o tigrá ou tigrinha.

O povo denominado nabateu ocupou aproximadamente toda a Arábia Pétreia (noroeste da Arábia) nos dois lados do Golfo Elanítico, no Mar Vermelho e nos montes da Iduméia (de lá o nome Petra, anteriormente capital dos idumeus).

Povo originariamente nômade, teve mais tarde papel notável do 3.º ou 2.º séc. a. C. a 106 d. C. Neste ano seu território passou a Província Romana da Arábia, sob Trajano (52-117).

Chefes do trânsito entre a Arábia, a Mesopotâmia e o Ocidente, os nabateus impuseram sua língua para as relações comerciais. Embora arábicos étnica e lingüísticamente, redigiam em arameu com mistura de árabe.

As inscrições nabatéias (a maioria votiva e sepulcral) são de um dialeto aramaico próximo da modalidade palesti-

na. Encontram-se inscrições na Fenícia, nas rochas do Sinai, no Egito e até na Itália. Sua data vai do início do 1.º séc. a. C. ao começo do 4.º séc. d. C. Sua literatura, que trata especificamente da agricultura, foi traduzida em árabe no 10.º séc. d. C., mas ignora-se-lhe a data da redação original.

Os nabateus forjaram um alfabeto especial, baseado no arameu, em que os liames dispensam o recurso das barras ou dos pontos de separação dos vocábulos (Pe. P. Dhorme, O.P.).

Tiveram os nabateus contacto com os israelitas na época do exílio. Após a deportação, os nabateus se infiltraram na parte sul de Judá. São citados na Bíblia, p. ex., em Mac 5,25; 9,35, e, em Damasco, sob um de seus reis, de nome Aretas IV, o apóstolo Paulo conseguiu livrar-se da prisão (2Cor 11,32-33).

Nomes de algumas divindades dos nabateus: IL (EL dos hebreus), QAIS (KUASH ou QOSH dos edomitas), UZZU, nome dado ao planeta Vênus, adorado sob a forma de uma acácia, ALLAT (feminino de ALLAH), considerada mãe dos deuses, e identificada com a virgem-mãe da cidade de Petra.

Os sabeus pertencem, pelo idioma, ao grupo sul-arábico, cujo habitat foi o território de nome Sabá, às margens do Oceano Índico, mais exatamente ao sudoeste da Arábia (ARABIA FELIX dos romanos), hoje Iêmen.

O povo, conforme a Bíblia, descende de Saba, por sua vez filho de Cam (Gên 10,6) ou de Saba, filho de Jectã ou Ioctã ou ainda Jecsã, descendente de Sem (Gên 10,28; 25,3).

Antes das explorações arqueológicas, realizadas a começar de 1843, o que se conhecia do povo sabeu como país rico e de grande civilização, era o que constava na Bíblia (Saba ou Sheba), p. ex., em Isaías (60,6), em Ezequiel (27,22, etc.), e que daí partira a Jerusalém a rainha de Sabá (ano de 922?), a fim de ouvir pessoalmente a Salomão, sua sabedoria e glória do Senhor (1 Rs 10,1-10 e 13). É citada como "a rainha do Sul" (i. é. do sul da Arábia) em Mt (12,42) e em Lc (11,31).

Com a decifração das inscrições, reconstituiu-se a história de Sabá, mas cujo início está envolto em mistério. Elas são numerosas e muitas bem longas; tratam de assuntos religiosos e de arquitetura.

As inscrições mais antigas talvez sejam da Assíria, do 8.º séc. a. C., em que se mencionam dois principais governantes sabeus denominados MUKARRIB — IT'AMRA — no tempo de Sargão II (721-705) e KARIB'IL, quando do reinado de Senaqueribe (705-681). Há quem sustente que há inscrições do séc. 11 a. C.

Ai pelo ano 400 passaram os governantes a ter o título de reis. Algumas divindades sabéias: ALMAQAH, deus lua;

SHAMS, deusa sol; ATHTAR, nome masculino, correspondente a ISHTAR ou ASHTART, após o abandono do matriarcado; DHAT-HMJAN ou DHAT-BA'DAN, divindade solar.

Ao lado do reino dos sabeus coexistiu o reino dos mineus (aí pelo 8.º séc. a. C.), este mais ao norte do atual Iêmen e aquele mais ao sul. Excelentes comerciantes terrestres, do Oceano Índico em direção ao Norte pela costa arábica do Mar Vermelho, em contacto com o mundo cananeu-aramaico, estabeleceram várias colônias. Estiveram ao sul do Mar Morto, conforme a Bíblia (2Crôn 26,7, etc.), e pelos textos bíblicos e assírios expandiram-se entre Tema (ou Teima), o oásis do norte do Hijaz, e o país de Sabá. Alcançaram o Egito, fato denunciado por uma inscrição em mineano em certo sarcófago cuja data é difícil precisar (dinastia dos Ptolomeus, i. é., entre 305 a 44 a. C.). Na Ilha de Delos foi achado um texto bilingüe, mineu e grego, do 2.º séc. a. C., no qual se trata de dois personagens que erigem um altar ao deus WADD e a outras divindades minéias.

A mais antiga notícia grega dos mineanos (MEINAIIOI ou MENAIIOI; MA'IN nas inscrições) é transmitida por Eratóstenes (276-194 ou 195 a. C.) em Estrabão (XV, 4,2). Sua capital, Carna, foi notável mercado de incenso, mirra e outras especiarias (igualmente como em Sabá).

O imperador romano Augusto encarregou Aelius Gallus, mediante uma expedição ao sul da Arábia (Estrabão, XVI, 4,22), para conhecimento do país, e Plínio o Velho (23-69) na História Natural (XII) narra fatos, parte baseados nos resultados dessa expedição, parte nos itinerários de viajantes da Índia. Mais importante, contudo, é o *Periplus Erythraei*, escrito por um anônimo (prov. em 77 d. C.).

As explorações arqueológicas tiveram início em 1761, graças ao dinamarquês Carsten Niebuhr (ca. de 700 inscrições). As de E. Glaser (1855-1908) e de outros cientistas aumentaram as inscrições da Arábia meridional em vários milhares.

Os reis mineanos, cerca dos quais 37 são conhecidos pelas inscrições, eram independentes e rivais dos sabeus no comércio das especiarias.

O colapso do reino mineu verificou-se mais ou menos entre 24 a. C. e 50 d. C. A escrita mineana é uma ramificação do alfabeto semítico, independente, parece, diz M. Cohen, das escrituras do Norte. Consta de 29 letras consoantes, e não há sinal nenhum de vogal.

A designação semítica 'ARAB (donde ÁRABE), que quer dizer "deserto" (cp. o cognato HARAB, "deserto"), veio a

ser aplicada ao nômade do deserto (como se fosse “desertiano”), e é ainda assim empregado (cf. J. Cantineau e Youssef Helbaoui, *Árabe oriental — Parler de Damas*, p. 103), e é sinônimo de BADAUIY, “beduíno”. No árabe da Líbia ‘ARBI é “árabe”, mas no plural ARÁB ou ‘ARÓB vale o mesmo que árabes nômades; beduínos” (E. Griffini, *L’Arabo parlato della Libia*, p. 17). Não tem cabimento o étimo GARB, “ocidente”, defendido por J. Safady, *Língua árabe*, p. 22).

Do ramo semítico meridional a língua árabe propriamente dita é a do norte da Arábia. Dela há inscrições conhecidas principalmente por autores gregos (p. ex., Heródoto, séc. 5.º a. C.) e latinos (p. ex., Plínio o Velho, 23 - 79), e nas quais constam algumas palavras em pequenos objetos (sinetes, cilindros) de proveniência mesopotâmica, que remontam, sem dúvida, até o séc. 9.º a. C. (M. Cohen).

Outras inscrições se acham ao norte de Hijaz, nos oásis de Teima, El-Hijr e El-Ela (Dedan). Algumas mencionam reis de Lihyân, cujo idioma é bem parecido com o árabe, e datadas de uma época que vai do 2.º ou 1.º séc. a. C., até antes do 4.º a 6.º séc. d. C.

A língua antiga dos árabes, os quais parecem mencionados em acadeu (assírio-babilônio) desde o 9.º séc. a. C., e, nessa mesma o nome dos árabes, surge em uma inscrição funerária, de um rei arabiano, descoberta em En-Nemara, perto de Damasco, datada, segundo alguns de 512 ou 513 d. C., e consoante outros de 328, e redigida em caracteres nabateus. Mais inscrições antigas são as de Zabad, perto de Alepo (512 ou 513 d. C.) e as de Haurân, ao sul de Damasco (568 d. C.).

Aí pelo 6.º séc. floresceu uma literatura poética oral, principalmente no Hijaz, no Nejd e vizinhanças, e, de acordo com Noeldeke, até o Eufrates. Todos os poetas dessas regiões, diz Brockelmann, embora pertencessem a tribos diferentes, serviam-se de uma língua comum, língua poética.

Ao lado dessa língua havia igualmente no árabe setentrional dialetos de várias tribos. Maomé, o fundador do islamismo (570-632), membro da tribo QU-RAYSH (coraixita), de Meca, veio a redigir o seu livro sagrado, o Alcorão (AL KUR’AN), “a leitura” por excelência, no dialeto aí falado, elevando-o destarte à categoria de língua. A cidade de Yathrib, mais tarde Medina (MADINA-T AN NABIY, “a cidade do Profeta”) foi o centro de difusão lingüística, e o Hijaz a zona de extensão primitiva.

Graças ao Alcorão, o árabe tomou expansão tal de que não se conhece nenhuma outra língua do mundo. Esse árabe alcorânico é que ficou sendo padrão, "a língua gramatical" (al lisân an nahwîy), oposto à língua vulgar (al lisân ad dârij) ou, melhor, à língua falada.

Desde o séc. 7.^o o árabe acompanha a expansão da nova religião, absorvendo em primeiro lugar os dialetos circunvizinhos e as línguas arabianas meridionais.

Mas, convém frisar, esse árabe alcorânico, ou, mais exatamente, que serviu de base para o árabe clássico em sentido genérico, não é falado, em nenhuma parte por um conjunto de população, porém tem servido de língua de comunicação entre pessoas cultas e eruditas de várias regiões ou países arabioglóticas (é a língua da literatura, da ciência, da imprensa, etc.). De outro modo, seria incompreensível da parte do povo em geral de qualquer região ou país arabiglótico.

Esse árabe clássico tem permanecido estável através dos séculos, apenas variado, e mais de escritor a escritor do que de geração a geração, a seleção das palavras e das expressões, por virtude do desenvolvimento cultural e das exigências dos diversos gêneros literários, e não tem sido integralmente subtraído a influência de dialetos.

A razão desse estabilidade acha-se, de um lado no caráter dogmático do Alcorão, tido como livro divino (é o árabe o único idioma em que é lícito rezar), e, do outro, nas dificuldades que os árabes encontram em abandonar espontaneamente tudo o que tem caráter de habitual, de tradicional. Assim, a língua, desde muito, adquiriu uma situação bem superior às de todas as outras praticadas pelos povos islâmicos. Acrescente-se ainda o fato de, entre os muçulmanos ortodoxos, o Alcorão não deve ser traduzido nem transcrito.

As principais divisões dialetais do domínio árabe correspondem a divisões geográficas naturais e nacionais, e o seu estudo, até agora, não é definitivo. Vejamo-las: Dialetos do Hijaz, particularmente o falar citadino de Meca. A leste do Hijaz há os falares de Nedjd. Ao sul, numerosos falares do Iêmen (Sana, Aden, etc.). Mais a leste, os de Hadramaute, os de Omã, os de Mascate. No Iraque, particularmente o falar de Bagdá. Na Mesopotâmia: falares de Mossul e de Mardin. Na síria, no Líbano: falares de Alepo, de Beirute, de Damasco, dos drusos, etc. Na Palestina, o árabe palestino. Falares dos beduínos e de Palmira. Na África: o árabe do Egito, do Sudão, etc. o algeriano, líbio, marroquino, mauritano, tunisiano, etc. Ajuntem-se os falares de Baraim, Coaite, Jordânia, Cátar.

A população de língua árabe é de cerca de 122.500.000, segundo a **Pequena Enciclopédia Melhoramentos**, ed. de 1978. É de aproximadamente 132.436.000 de acordo com a **enciclopédia Universo**, ed. Delta - Ed. Três, s/d.

Os elementos arábicos introduzidos na Península Ibérica não eram totalmente dessa origem. É sabido que a invasão muçulmânica não foi realizada por um povo único: "O exército de Tarique, diz A. Herculano, que no Guadalete acabou com o domínio dos godos, compunha-se na maioria de berberes, sendo o resto apenas um punhado de árabes..." (**HISTÓRIA DE PORTUGAL**, t. VI, livro VII).

É claro que o árabe vulgar, oral, deveria ter sido a sua língua de comunicação, mas a frequência de populações e contingentes militares que se deslocavam do Magrebe (Marrocos, Argélia e Tunísia) para a Península, fez predominar o seu dialeto (árabe magrebino).

Arabistas admitem, pois, que o árabe levado para a Ibéria era um dialeto especial com as suas particularidades fonéticas e lexicais. Os elementos de natureza culta e literária vieram "de numerosos árabes provenientes de todos os países onde se falava árabe, e mais tarde vindos também das regiões orientais" (M. L. Wagner).

O árabe meridional abrange estes dialetos: sabeu, mineu, catabânico, hadramáutico, himiarita, ioctanita, iemenita, aussânico, etc., de que somente se conhecem inscrições, as últimas das quais datadas do 6.º séc. d. C. Infelizmente elas são breves e monótonas quanto ao que tratam. Todavia, do estudo que se lhes fizeram, denuncia que esse árabe meridional é próximo do setentrional, embora se afaste muito pelo léxico.

Diz Brockelmann que as inscrições, apesar de datas diferentes, não apresentam quase nenhuma evolução, justamente pelo caráter de idioma escrito e não de modalidade popular.

Esse árabe foi suplantado pelo do norte durante a conquista muçulmânica, e, contudo, nas regiões marítimas do Mar Árabe, isolados, mantiveram-se alguns daqueles e outros, até a atualidade, porém muito afastados do velho tipo semítico: mahri (Mahra), macala, chir, sihut, karawi ou grawi, harsusi, botahari, ehkili, etc., e, no Oceano Índico, o socotra (Socotorá).

Semitas da Arábia do sul, através de Babelmândebe, no Golfo Pérsico, invadiram a Eritréia e a Etiópia (Abissínia), miscigenando-se com a população camita aí habitada. Tal invasão se deu muitos séculos antes da era cristã, e, com probabilidade, gradualmente.

Na Etiópia, falam-se sessenta e quatro línguas e dialetos (Pietro Gerardo Jansen), frequentemente mui diversos entre si, mas eles pertencem a duas famílias, semítica e camítica, excluindo-se os idiomas europeus.

As várias línguas da Etiópia, no dizer de M. Cohen, parecem resultados da evolução paralela dos diversos dialetos aparentados entre si e que constituíam a modalidade arábica meridional. É claro que sofreram influência dos falares cuxíticos (camitas), vários dos quais foram eliminados mais ou menos lentamente.

Um dos falares trazidos do sul da Arábia recebeu o nome de gueez (LESANA GE'EZ), provavelmente a significar "língua livre" ou "língua de migração", e escrito mediante caracteres acolhidos dos sabeus.

O gueez, na origem, segundo P. G. Jansen, nada mais era que um dos dialetos sul-arabianos, elevado a língua, quando os himiaritas que o falavam, fundaram o império africano.

O primeiro contacto com a África foi na costa da atual Eritréia e também do arquipélago de Dahlach, perto da Ilha Massaua. Posteriormente, outra migração, alcançou o planalto de Tigrá, onde fundaram o Reino de Axum (Axsum).

Com a queda desse Reino no fim do séc. 10.^o, o gueez, língua oficial desde os primeiros tempos da conversão da Etiópia ao Cristianismo (séc. 4.^o), deixou de ser falado, mantendo-se todavia como língua litúrgica até hoje. É na gueez que são redigidas as mais antigas inscrições de Axum, e nele foi traduzida a Bíblia, aí pelo 5.^o século.

Quando, em 1300, a sede do governo passou para a cidade de Shoa, o amárico ou amarenhá, que se falava na província vizinha de Amhara, tornou-se a língua da corte e dos nobres, e é, atualmente, a língua oficial da Etiópia. Na parte meridional da Etiópia e principalmente em Adis-Abeba, a capital, é o amárico que está suplantando pouco a pouco outros dialetos.

O amárico foi a língua das controvérsias religiosas entre abissínios monofisitas e missionários católicos nos séc. 16 e 17. A Bíblia, contudo, só veio a ser traduzida nesse idioma no começo do séc. 19.

A língua amárica sofreu muita influência dos falares camitas, de tal modo que, pelo menos, metade do léxico é camita e a outra de origem puramente semítica, e, pela evolução fonética, muito se afastou dos tipos primitivos. Contudo, pode-se provar que continua a pertencer à família semita tão-somente pela comparação dos pronomes pessoais e

pelos numerais. Ei-los: ENIE', "eu" (ár. ANA, líbio ENE', ANTE', "tu", masc. (ár. ANTA, ENTE), ANTSHI, "tu", fem. (ár. ANTI, ENTI), EÑA', ENYA', "nós" (ár. NAKHNA, egípcio EKHNA), ENNANTE, "vós" (ár. ANTU, ENTU). Numerais: 1 AND (árameu HAD, hebr. AHAD), 2 HULET, derivado DE KULE (guez KEL'E, ár. KILANI, "s dois"), 3 SOST, SUOST, derivado de SOLOST (guez SHALASTU, sabeu SHALATH, ár. THALATHAT), 4 ARAT, derivado de ARAAT, por sua vez de ARABAT (guez ARBA, ár. ARBA'A), 5 AMEST, AMMEST, derivado de HAMEST (guez HAMES, fem. HAMESTU, ár. HAMSA), 6 SEDDEST (guez SESSU, fem. BEDESTU, ár. SITT, SETTE), 7 SEBAT (guez SAB' fem. SAB'ATU, ár. SA'BAT, SA'BA), 8 SEMENT (guez SAMANITU, ár. THAMANIA, TMANE), 9 TSETEN, deriv. de TESTE (guez TES'ATU, fem., ár. TI'SAT), 10 ASSER (guez ASHARTU, fem., ár. ASHRAT, hebr. ESSER).

O nome do país YATYIOPYA é adaptação do grego AITHIOPÍA, "(gente de) aspecto (ÓPSIS) denegrado (AITHÓS)", que, todavia, parece etimologia popular; talvez seja proveniente de um topônimo egípcio. Outro nome do país é ABISSÍNIA, do latim ABASSINIA, que, por se relacionar arbitrariamente ao grego ÁBYSSOS, "abismo", passou a ABYS-SINIA. É derivado de HABESH, por sua vez do topônimo HABASHAT, região da Arábia do sul, mencionado nos antigos textos sabeus. É também etimologia popular relacionar com um árabe HABESH, "mistura".

MAHRA, outro topônimo do sul da Arábia, deixou vestígio, segundo F. Hommel, na Etiópia, no nome da província AMHARA, de onde o derivado AMÁRICO, denominação da principal língua desse país.

Oportunamente apresentaremos as características dos idiomas semíticos.